

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO E CARTA BRANCA SEM RECEITA

31 de Maio de 2022

**AINDA NÃO ACABÁMOS,
COMO SE FOSSE UMA CARTA / 2016**

um filme de JORGE SILVA MELO

Realização: Jorge Silva Melo *Fotografia:* José Luís Carvalhosa *Som:* Armanda Carvalho *Montagem, Grading:* Vítor Alves, Miguel Aguiar *Mistura de som:* Nuno Carvalho *Cenografia, Figurinos:* Rita Lopes Alves *Assistência de imagem:* Paulo Menezes *Assistência de produção:* Américo Silva, Andreia Bento, João Meireles, João Pedro Mamede, Laura Garcia, Leonor Buescu, Miguel Matos, Nuno Gonçalo Rodrigues, Tristan Philippot *Excertos dos espectáculos:* A Morte de Danton de Georg Büchner, A Estalajadeira de Goldoni, Nunzio de Spiro Scimone, O Campeão do Mundo Ocidental de Synge, Seis Personagens à Procura de Um Autor de Pirandello, Doce Pássaro da Juventude de Tennessee Williams – encenações de Jorge Silva Melo; De L'Allemagne de Heiner Müller – encenação de Jean Jourdheuil *Fotografias:* Vítor Palla, Costa Martins, Mário Novais, Arnaldo Madureira, Sena da Silva, Ugo Mulas *Fotografias dos espectáculos:* Jorge Gonçalves, Paulo Cintra, Susana Paiva *Excertos dos filmes:* VERDES ANOS (Paulo Rocha, 1963); BELARMINO (Fernando Lopes, 1964); A CAPITAL (Rui Ascensão, 2003); THE CRIMSON PIRATE (Robert Siodmak, 1952); RIO BRAVO (Howard Hawks, 1959); SERGEANT RUTLEDGE (John Ford, 1960); BATTLE CRY (Raoul Walsh, 1955); SOME CAME RUNNING (Vincente Minnelli, 1958); PICNIC (Joshua Logan, 1955); THE LAST TIME I SAW PARIS (Richard Brooks, 1954); WAR AND PEACE (King Vidor, 1956); SHE WORE A YELLOW (John Ford, 1949); MAN OF THE WEST (Anthony Mann, 1958); A DISTANT TRUMPET (Raoul Walsh, 1964) *Depoimentos:* Álvaro Lapa, José Medeiros Ferreira, Manuel Wiborg, Luíza Neto Jorge, Jorge Martins, Palmira Conceição, Spiro Scimone, Jean Jourdheuil, Lia Gama, Fernando Lemos, Sofia Areal *Participação:* Américo Silva, Andreia Bento, António Simão, Catarina Wallenstein, Elmano Sancho, Isabel Muñoz Cardoso, João Pedro Mamede, João Perry, João Vaz, Maria João Falcão, Maria João Luís, Maria João Pinho, Miguel Borges, Nuno Pardal, Pedro Carraca, Pedro Gil, Pedro Luzindro, Rita Brütt, Rúben Gomes, Sylvie Rocha, Vânia Rodrigues; Jorge Silva Melo (*não creditado*).

Produção: Artistas Unidos (Portugal, 2016) *Direção de produção:* Pedro Carraca, Miguel Matos *Título de trabalho:* "JSM por JSM – ou Os que Vieram Antes" *Ano de produção inscrito na cópia:* 2015 *Cópia:* Artistas Unidos, DCP, cor, legendada em português quando falada em francês e italiano, 78 minutos *Primeira apresentação pública:* 3 de Fevereiro de 2016, no São Luiz *Primeira apresentação na Cinemateca:* 10 de Março de 2020 ("Jorge Silva Melo – Viver Amanhã como Hoje").

SESSÃO APRESENTADA POR JOÃO PEDRO MAMEDE

Não é um auto-retrato de Julho, ou então sim, como não? É como se fosse uma carta dirigida nesse mês de 2015 a João Pedro Mamede, na altura, contava Jorge Silva Melo, o mais novo dos actores da companhia que fundou em 1995 no rasto da peça de teatro que deu brado e um filme (ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA, 2000). Do epicentro da actividade múltipla de Jorge Silva Melo desde então passou a falar-se no plural, de acordo com o espírito colectivo – os Artistas Unidos, declinação portuguesa da United Artists fundada em longínquos tempos hollywoodianos para defesa do interesse artístico do cinema por Griffith, Chaplin, Mary Pickford e Douglas Fairbanks. O jovem destinatário da missiva de AINDA NÃO ACABÁMOS, COMO SE FOSSE UMA CARTA volta num papel aproximável em SOFIA AREAL: UM GABINETE ANTI-DOR, em alguns momentos ao lado da artista no atelier onde esse filme se concentra, e FERNANDO LEMOS – COMO NÃO É RETRATO?, visitante de exposições lisboetas de arte antiga e moderna (2016/2017). A circulação de filme para filme de pessoas, como de deixas, motivos ou fragmentos musicais, é uma persistência do cinema de Jorge Silva Melo, e neste filme especialmente transparente nas panorâmicas

finais de João Pedro Mamede na cidade, lembrando os movimentos da câmara que acompanha a energia de Miguel Borges em ANTÓNIO, UM RAPAÇ DE LISBOA e do seu eco com o mar azul ao fundo na marginal d'A FELICIDADE (curta de 2007). É antes de o plano congelar no paralítico que fixa a imagem final do jovem actor, vibrando a banda sonora com a doçura de *Temps des cerises – J'aimerai toujours le temps des cerises /Et le souvenir que je garde au coeur*. Dirigindo-lhe esta espécie de carta filmada, Jorge Silva Melo assume-se o *passador* que também foi muito, no sentido cunhado por Serge Daney: um *passeur* de histórias e experiências, ideia já vincada na viagem de automóvel de Viseu a Lisboa, ao lado de Pedro Gil, para ÁLVARO LAPA: A LITERATURA (2008), em que se ouve Lapa falar da juventude sempre disponível e Jorge Silva Melo insistir na importância do “fazer, fazer, fazer”.

A *passagem* – passagem, como o título do inicial PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO (1980), que ficciona outras viagens ou a passagem do colectivo ao individual tantas vezes formulada por Jorge Silva Melo a propósito de perdas fundadoras que atravessam as suas primeiras ficções no pós-74 e num pós-Cornucópia – é precisamente a ideia à volta da qual o filme se constrói, feito de memórias e ideias que congregam lugares, pessoas, palavras, imagens, canções, trechos musicais. Tal como o PASSAGEM – verificava Jorge Silva Melo –, acabou por resultar num filme tocado por mais tristeza do que imaginara ao começá-lo seguindo um repto alheio para que se lançasse (explicitamente) ao auto-retrato filmado. É do que se trata, confundindo-se a biografia com o retrato geracional, e preferindo Jorge Silva Melo a narrativa da aventura colectiva associada à vida do (no) teatro, à aventura do cinema que pensava no singular.

AINDA NÃO ACABÁMOS teve como título de trabalho “JSM por JSM – ou Os que Vieram Antes”, e JSM na sua última antologia de textos na Cotovia, *A Mesa Está Posta* (2019), par de *Século Passado* (2007), escreve que se trata, sim, de uma carta a João Pedro Mamede: “A tentar contar-lhe o que fiz, o que penso, de onde vim, eu que também vim de longe. Também se chama AINDA NÃO ACABÁMOS, frase que roubei ao João Gonçalves, de um texto comovente de homenagem ao José Medeiros Ferreira.” Esta carta também pode ser entendida como uma viagem, um travelling como Garrett gostaria, “uma história solta, memórias, projectos, encontros”, lê-se no texto que apresenta o filme na página dos Artistas Unidos. *Raccord* para os retratos de artistas plásticos, a que desde 1995 Jorge Silva Melo se tem dedicado, *implicando-se*, de maneira e intensidade distintas, nos filmes que dedicou a António Palolo, Joaquim Bravo, Álvaro Lapa, Nikias Skapinakis, Bartolomeu Cid dos Santos, António Sena, Ângelo de Sousa, Ana Vieira, José Guimarães, Sofia Areal, Fernando Lemos, além do retrato de actriz em conversa com Glicínia Quartin, e do retrato de conjunto dedicado a essa “mútua aprendizagem” da cooperativa Gravura fundada em 1956 por um núcleo de artistas e intelectuais. “Comecei a pensar que é isso a minha vida, estes encontros, ver, ouvir, contar, mostrar, provocar.”

Este capítulo documental, ou melhor dito, retratista, cronista, do cinema de Jorge Silva Melo começou com A. PALOLO: VER O PENSAMENTO A CORRER (1995), produzido pela GER de Joaquim Pinto, no antes da entrada em cena dos Artistas Unidos e, na filmografia do realizador, entre as duas ficções de longa-metragem COITADO DO JORGE (1992) e ANTÓNIO. A primeira pessoa que desfia cumplicidades de geração começa aí, nesse filme que assim começa e em Lisboa – “Eu ia ver exposições quando andava a pé.” Como aqui, em off, nas primeiras frases sobre imagens fotográficas impressas no exemplar de um livro que uma mão folheia: “Foi nesta Lisboa, dos anos 50, que eu cresci. Mas eu não a via assim. Quem a viu assim foram o Vítor Palla e o Costa Martins.” A cidade triste e alegre dos anos escuros da ditadura dos fotógrafos não era a da infância de Jorge Silva Melo, que a vivia polvilhada de cinemas e teatros e

fachadas de cartazes coloridos e programas e páginas de jornais recheados de títulos de filmes e cafés e lojas e edifícios que cresciam desenhados por arquitectos. A proximidade desolada e a pulsão da alegria marcam desde o início o filme, em que as primeiras imagens alheias são oficiais – as actualidades de arquivo a preto-e-branco do cortejo por Lisboa da Rainha Isabel em visita a Portugal em 1957 –, e em que a cinefilia irrompe com a destreza de Burt Lancaster e o júbilo do Technicolor do PIRATA VERMELHO, de Siodmak.

“O cinema, escola do paraíso onde se aprendia a valentia.” E a humilhação e a redenção pela amizade, que Jorge Silva Melo aprendeu no RIO BRAVO de Hawks, conta ele voltando a uma história muitas belas vezes contada. E a dignidade, a justiça, a honra do SERGEANT RUTLEDGE de Ford, e a guerra e a morte, e a morte por amor, o erotismo, os “filmes antigos” vistos em cópias muitas vezes riscadas entre assobios dos espectadores das plateias das reposições de quando o cinema era energicamente popular, mesmo se os cowboys de Gary Cooper e John Wayne já estavam feridos e já precisavam de óculos. Os actores, claro: Elizabeth Taylor e Audrey Hepburn. Ou Kim Novak na dança nocturna com William Holden iluminada à beira-rio por oscilantes balões de papel de que Jorge Silva Melo gostava tanto “que quis imitar este plano”, como diz, falando do seu baile de AGOSTO (1988) que teve réplica na festa à beira da piscina do COITADO DO JORGE numa das pontas que ficam soltas. Neste filme intensamente livre, a cinefilia é um primeiro núcleo mas o cinema que Jorge Silva Melo começou a fazer em frentes várias, sucedendo à crítica juvenil, na passagem das décadas de 60 para a de 70 (em ilustres filmes de outros) e nesta para a de 80 (como realizador), com E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO? (1979, co-realizado com Solveig Nurdlund) e PASSAGEM, fica de fora.

A construção do filme tanto cuida de “núcleos temáticos” – a cinefilia, a consciência política e a guerra colonial, o teatro, a aventura dos Artistas Unidos nos anos 1990 marcada pela ferida do fim na Capital, as perdas que se vão sucedendo, de entre elas as de tantos dos “que vieram antes” – como dos ecos e rimas mais ou menos perceptíveis nas ligações, campos e contra-campos, sobreposição de vozes, o que se suspende, a entoação das palavras. Num dos momentos mais fortes de AINDA NÃO ACABAMOS, depois da carta aberta ao povo português escrita por Medeiros Ferreira a propósito da guerra colonial, “escrita na véspera de ser obrigado a abandonar o exército português” exilando-se na Suíça, que dá a deixa para “a segunda parte do título” do filme a seguir à vírgula, COMO SE FOSSE UMA CARTA, percorrem-se estantes de livros (entre os quais estão os dois volumes *A Paleta e o Mundo* de Mário Dionísio, professor de Jorge), bancas de alfarrabistas (onde se encontra o exemplar de *As Palavras Pougadas* dedicado por Maria Judite de Carvalho a Maria Adélia Silva Melo, irmã de Jorge), capas de discos (entre os quais a *Fidelio* de Beethoven, com o Coro dos Prisioneiros, “éramos nós”) para entrar numa cena que há-de ser guardada excepcional. É uma “one man scene” num “one shot”, um plano de cinema, em que se ouve em fundo a canção escrita por Boris Vian em 1954, *Le Déserteur*, que Jorge Silva Melo diz em português num plano-sequência fixo quase sempre a olhar frontalmente para a câmara, com as palavras na respiração justa, a emoção à flor da pele. A dele e a nossa.

A cena do desertor, que prossegue sem corte na evocação de outras guerras, sonhadas como guerras de libertação, numas estrofes em castelhano de uma cantiga da Guerra Civil espanhola (*Si mi quieres escribir / ya sabes mi paradero*), nuns olhos mais rasos de água, traz consigo a interpretação da vida por Jorge Silva Melo. No contra-campo, também de penumbra, o actor Manuel Wiborg responde com Gomes Leal, *A Canalha*, poema que dizia no *Prometeu* (espectáculo de 1997, encenação de JSM), e daí se encadeiam imagens de ensaios dos Artistas Unidos. A revolução, qualquer revolução, havia de

mudar a figura do artista, lembra então Jorge Silva Melo que um dia acreditaram. Não aconteceu assim, hoje “mandamos sinais pela noite dentro. Somos fora da lei, salteadores de estrada. Uma companhia é sempre uma ilha”. E ainda no *off* lembra outra coisa em que andou anos a teimar, “um ensaio não é um ditado, estamos todos juntos na mesma noite, e não sabemos, e não sabemos juntos”. Logo a seguir, a lembrança de certo reparo de Glicínia Quartin, “os actores que estavam, estão, a surgir eram, são, a maior conquista da liberdade”, e já não é preciso saber de cor a cartografia de Paris, um “lá fora” onde não havia proibições nem censura. Raccord com Paris, onde um jovem actor trauteia *Le temps de cerises* numa ponte sobre o Sena. Também haverá uma visita a Roma com o actor Pedro Gil, outros encontros, o desenho, os ensaios como desenhos e os espectáculos como ensaios, “a vacilação do mundo”, sempre os actores. Numa conversa na Cinemateca, no final da projecção deste filme em 2020, sublinhando que o destinatário desta missiva é um jovem actor, e não um jovem cineasta, Jorge Silva Melo dizia assim:

“Quer no cinema quer no teatro, os actores são o meu trabalho. O facto de vocês conhecerem o Pedro Hestnes, felizmente, foi trabalho meu. O facto de vocês conhecerem a Marie Carré, foi trabalho meu. O facto de ter descoberto, e olhado, e criado hipóteses para actores, seja no cinema, seja no teatro, isso é o meu trabalho.” “A minha honra é ter sabido olhar, acho eu, para alguns actores e ver neles hipótese e potência para serem outra coisa. É por isso que eu gostaria de ser lembrado. É aquilo de que eu gosto, quer nos filmes que fiz...” “Revelar actores é aquilo que eu gosto.”

Já perto do fim de AINDA NÃO ACABÁMOS, as únicas imagens 8 mm correspondentes às primeiras imagens filmadas por Jorge Silva Melo, em raccord com uma fotografia de Luis Miguel Cintra, “com quem tudo começou aos 19, 19 anos, 20”, dão a ver o Grupo de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa nos ensaios do *Anfitrião*, de A. J. Silva pelo Grupo de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa em 1968/69, numa sequência pontuada pelo silêncio, versos de Shakespeare, e uma canção de Françoise Hardy, *Comment te dire adieu*. Há melancolia neste filme com Jorge Silva Melo de camisa vermelho vivo sobre o fundo do vermelho escuro de uma parede dos Artistas Unidos tornada estúdio de cinema. Também há mapas de cidades neste filme que depois de Françoise Hardy passa a Fernando Lemos (para uma confissão por interposta pessoa) e a Sofia Areal (captando o gesto de captar o pensamento da artista), prosseguindo a encenação da carta filmada. Ou seja, continuando.

Maria João Madeira